



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16861 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

### GÊNERO E SEXUALIDADE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: DA SOLIDÃO EPISTÊMICA À SOLIDARIEDADE

Thiago Aparecido Miranda - USF - Universidade de São Francisco

Fabiana Rodrigues de Sousa - UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### **GÊNERO E SEXUALIDADE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: DA SOLIDÃO EPISTÊMICA À SOLIDARIEDADE**

Esta comunicação traz reflexões de pesquisa de doutorado, cujo objetivo é compreender o fenômeno da solidão decorrente da LGBTQIfobia e da estratificação sexual nos processos de escolarização. Tomamos como foco deste trabalho a relação entre os inéditos viáveis que se dão a ver nas pesquisas em Educação e os silenciamentos das questões de gênero e sexualidade nas escolas.

Bortolini (2023), presidente da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura, analisa que o processo de silenciamento de gênero e sexualidade na educação se intensifica em 2011, quando o então deputado Jair Bolsonaro denunciou a existência do suposto "kit gay" que, segundo ele, foi distribuído nas escolas. Essa acusação referia-se ao material do projeto Escola sem Homofobia, parte do programa Brasil sem Homofobia, criado pelo governo federal em 2004. Desde então, uma série de ações foi orquestrada a fim de suprimir a problematização de gênero e sexualidades nas escolas, tais como a supressão do vocábulo "gênero" do Plano Nacional de Educação, a veiculação da expressão "ideologia de gênero" vinculada a uma suposta doutrinação realizada por educadores/as/ies em sala de aula, a disseminação de *fake news* como a polêmica "mamadeira de piroca", que ganhou destaque nas eleições de 2018, os projetos de lei do movimento Escola Sem Partido, dentre outras ações antidemocráticas.

O advento da ideologia de gênero no cenário político alavancou a conquista de votos e a disseminação do ódio por parte de uma ala conservadora, fascista, colonialista e sectária. Em contrapartida, Bortolini (2023, p.28) destaca que "gênero é um conceito construído pelas ciências humanas no último século. Exato. Não é ideologia, nem um movimento, nem um partido político, mas um conceito científico", que visa desvelar a dimensão social e cultural dos processos de construção de identidades e sexualidades.

Apesar do avanço significativo da produção dos Programas de Pós-graduação em Educação no Brasil no tocante a promoção da ciência e da formação de educadores/as/es atentos/as/es aos efeitos perversos e excludentes da estratificação sexual, como podemos ver nos trabalhos de Andrade (2012) e Oliveira (2017); ainda persiste nas escolas um silenciamento das pautas políticas dos Movimentos Feministas e LGBTQI+, caracterizando um processo de solidão epistêmica.

A solidão anunciada, aqui, é política e resulta da estratificação social, cultural e sexual, provocando sofrimento e o encobrimento de saberes produzidos por sujeitos sexuais dissidentes. Arendt (2012) propõe uma análise dos elementos políticos das sociedades contemporâneas, identificando-os como vestígios do totalitarismo. Em sua análise, a solidão é destacada como uma das formas mais adversas de desumanização e desubjetivação.

Na perspectiva da Educação Popular, os seres humanos se educam em comunhão (Freire, 2022), ao refletirem sobre suas realidades, identificando estruturas de opressão e formulando respostas coletivas para enfrentar situações-limite que os desafiam. Assim, buscamos por meio de entrevistas e rodas de conversas dialogar com professoras/es/ies e estudantes LGBTQI+, a fim de trazer à tona vozes dessa comunidade para compreender suas experiências de solidão na escola. Em consonância com os princípios da Educação Popular, consideramos que a pronúncia coletiva de mundo é uma ação política direcionada ao processo de humanização e de libertação das pessoas que se educam em diálogo.

Almejamos, portanto, destacar possíveis conexões de solidariedade e resistência entre sujeitos da comunidade LGBTQI+ em seus processos de escolarização. Reconhecemos a importância política e emancipadora de confrontar a epistemologia do armário (Sedgwick, 2007) e os discursos conservadores que propagam a neutralidade da ciência e da educação, com vistas à manutenção de privilégios de classe, de raça, de gênero e de sexualidade. Esses discursos perpetuam a heterocisnormatividade e hierarquizam as diferenças, com o intuito de negar os direitos e a existência de sujeitos sexuais dissidentes.

Foram analisadas quatro entrevistas, distribuídas da seguinte forma: duas estudantes, mulher cis lésbica e outra trans; professores/as, um homem cis gay e uma mulher cis lésbica ambos lecionam na Educação Básica. Das quatro entrevistas, três foram realizadas presencialmente e uma por recurso virtual.

Os/as participantes desvelam a importância da escola no processo de problematização de gênero e sexualidade, espaço privilegiado, pois se configura como local de encontro plural

e diverso em seus vários contextos. E ao mesmo tempo denunciam o silenciamento da escola quanto a temática de gênero, educadores/as e educandos/as descrevem o medo, antes e depois de “sair do armário”, e ser alvo de perseguição, por meio de familiares, amigos e equipes gestoras; para a estudante trans o momento de sua transição foi marcado por violência, LGBTfobia e troca de escolas. Esse processo de violência sofrido por sujeitos sexuais dissidentes vem sendo politicamente designado nas pesquisas em Educação como ‘expulsão escolar’ em distinção ao conceito de evasão escolar.

As experiências compartilhadas pelos sujeitos entrevistados ressaltam o impacto significativo da solidão, que tende a ser maior, na intersecção de marcadores de estratificação social e sexual. Apontam o isolamento que jovens LGBTQI+ enfrentam enquanto lidam com a descoberta de sua identidade de gênero e/ou orientação sexual.

Os/as participantes mencionaram o uso de redes sociais e aplicativos de mensagem para se informar sobre sua sexualidade e encontrar apoio. Embora a internet nem sempre seja um meio seguro, dependendo das fontes de informação, se mostrou espaço de troca e acolhida. Em vez enfatizar a solidão, optamos por anunciar a solidariedade (Freire, 2022) como uma realidade concreta e possível, um inédito viável, na contramão das opressões e da LGBTQIfobia.

O legado freireano possibilita vislumbrar uma perspectiva progressista sobre o papel da escola na educação sexual, ressaltando que “os modos de existir e resistir protagonizados por sujeitos sexuais dissidentes vêm nos ensinando que a transgressão é uma ação viável no enfrentamento às ofensivas neoliberais do sistema capitalista” (Sousa, 2021, p.15)

Os sujeitos entrevistados enfatizam a relevância de educadores/as/es responsáveis, que reconheçam a necessidade da criação de ambientes seguros, para que educandos/as/es possam vivenciar suas identidades e sexualidades para além da normatização, sem medo de estigmatização e LGBTQIfobia. Além disso, destaca a importância de promover, desde cedo, uma compreensão mais aberta e respeitosa da diversidade sexual, para que as crianças e adolescentes se sintam apoiados/as/es e respeitados/as/es em sua jornada escolar.

Palavras-chave: Educação Popular. Gênero. Sexualidades dissidentes. Solidão. Solidariedade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma N. *Travestis na escola: assujeitamento ou resistência à ordem normativa*. 2012. 279f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BORTOLINI, Alexandre. *É pra falar de gênero sim: fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na educação*. [s.n.] Brasília, 2023.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 83 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 2017. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 19–54, jan. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>

SOUSA, Fabiana R. Resistir para existir: aportes freireanos para uma educação sexual transgressora e emancipadora. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 16, p. 1–18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.16.16462.013>